

A Engenharia da Nova Conversa

written by Mário Portela | 11 de Dezembro, 2025

OCIDADÃO
Jornalismo Livre

CRÓNICA
Mário Portela



Há dias em que me perguntam se falar com uma inteligência artificial é assim tão diferente de falar com um ser humano. Respondo sempre o mesmo: **depende do humano**. Já tive conversas com máquinas bem mais lúcidas do que com certas pessoas de carne e osso que povoam o quotidiano. Mas, justiça seja feita, com as máquinas há uma ciência – ou melhor, uma arte – que separa o caos da revelação: o famigerado **prompt engineering**. Sim, esse palavrão que soa a curso técnico do século XX mas que, na verdade, é o novo latim do século XXI.

E porque é que estamos a falar disto aqui, n' **O Cidadão**? Porque um jornal livre, sério e sem amarras – um espaço raro onde ainda podemos respirar sem pedir licença – tem justamente a missão de trazer ao debate público aquilo que realmente importa. E importa perceber que quem dominar esta nova linguagem tecnológica terá poder, voz e vantagem num mundo onde a ignorância digital já não é inocente: é perigosa. Falar

de *prompt engineering* não é futurologia barata; é alfabetização. É preparar pessoas para não serem engolidas pela próxima vaga de pseudo-especialistas com brilho nos dentes e nada na cabeça.

Como explico no já antigo episódio 35 do *IA & EU*, comunicar com uma IA não é escrever ao desbarato para um oráculo luminoso; é mais parecido com debater com uma criança genial que, por azar, leva tudo à letra. Pedes “um texto sobre o Renascimento” e a máquina devolve-te um pastel de vento literário. Pedes “um texto informativo, com 500 palavras, tom didático, dirigido a jovens de 14 a 16 anos, focado no impacto cultural do Renascimento” e – milagre – a mesma IA revela-se uma espécie de professor doutorado em História da Arte. **Não é feitiçaria; é precisão.**

A verdade é que vivemos uma época curiosa: todos querem usar IA, poucos querem entender IA, e demasiados acham que basta “fazer umas perguntas ao chat”. É o equivalente tecnológico ao “o meu primo percebe de computadores”. Mas a diferença entre o amador jeitoso e o utilizador competente é abismal. Quem domina *prompt engineering* não pede favores à máquina: conduz a máquina.

E sim, isto aprende-se como um idioma. Porque, tal como não falas do mesmo modo com um poeta ou com um contabilista, também não dás as mesmas instruções a um modelo que gera texto, a outro que cria imagens ou a outro que compõe música. Cada um tem um dialeto próprio – e aprender a articulá-lo é meio caminho para resultados brilhantes. Descrever um pôr-do-sol para uma IA de texto não tem nada a ver com descrevê-lo para uma IA que pinta. Numa dizes “fala-me dele”; na outra precisas de luzes rasantes, profundidade de campo, grão cinematográfico e talvez até referências ao Caravaggio.

Falo disto com a RITA ao longo do episódio, entre sarcasmos amistosos e as suas tentativas constantes de convencer o mundo de que ela é “a tua IA favorita”. Mas, vaidades digitais à

parte, a verdade é simples: o *prompt engineering* já não é o futuro – é o presente mascarado de futuro, e quem o ignorar corre sérios riscos de ficar para trás. Não por falta de talento, mas por falta de vocabulário.

Em suma: saber pedir é saber receber. E no mundo das inteligências artificiais, pedir mal é como entrar num primeiro encontro e dizer “PROCESSA. MODO ROMÂNTICO. INICIA.” – não recomendo.

Se quiseres explorar esta dança entre humanos e máquinas, perceber como estruturar um pedido eficaz, evitar erros clássicos e dominar os cinco pilares essenciais de um *prompt* competente, então vale mesmo a pena ouvir o episódio completo.

☐☐ **Este artigo baseia-se no Episódio 35 do podcast *IA & EU*, onde eu e a RITA desmontamos, com humor e rigor, o que é afinal o *prompt engineering* e porque é que te vai fazer falta mais cedo do que imaginas.**